

Ensino Híbrido: conceito, classificação, benefícios e evolução

Autor: Arthur Vinícius Feitosa Furtado

O professor José Moran (2015, p. 27) ensina que híbrido significa misturado, mesclado, *blended*, ressaltando que na educação acontecem vários tipos de mistura: de saberes e valores, de metodologias, de processos de ensino e aprendizagem mais formais e os informais, e de tecnologias, as quais “integram as atividades em sala de aula com as digitais, as presenciais com as virtuais”. Ele ainda ressalta que educação sempre foi misturada, híbrida, combinando diversos espaços, tempos, atividades, metodologias e públicos.

Lilian Bacich (2016, p. 679) salienta que é possível encontrar diferentes definições para o ensino híbrido, mas que todas elas apresentam a convergência de dois modelos de aprendizagem, quais sejam: o modelo presencial, em que o processo ocorre em sala de aula, e o modelo on-line, que promove o ensino por meio das tecnologias digitais. Bacich destaca que a ideia é que não há uma forma única de aprender, que a aprendizagem é um processo contínuo e que educadores e estudantes ensinem e aprendam em tempos e locais variados.

Horn e Staker (2015, p. 34) ressaltam que as definições para ensino híbrido ora são muito restritas, indicando apenas os tipos de aprendizagem que combinam o on-line e o presencial, ora são muito abrangentes, referindo-se a todos os usos da tecnologia na educação. Por meio de entrevistas com educadores responsáveis por mais de 150 programas de ensino híbrido, esses dois pesquisadores julgam ter chegado a uma definição mais exata e intermediária, dividida em três partes:

Ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou o ritmo (...) O estudante aprende, pelo menos em parte, em um local físico supervisionado longe de casa. Em outras palavras, o estudante frequenta uma escola tradicional, com professores ou supervisores (...) As modalidades, ao longo do caminho de aprendizagem de cada estudante em um curso ou uma matéria, estão conectadas para fornecer uma experiência de aprendizagem integrada. Isso significa que, se os estudantes estão aprendendo história americana de uma forma híbrida, os componentes on-line e presencial atuam juntos para fornecer um curso integrado. O oposto seria os estudantes aprenderem alguns tópicos on-line e, então, retornarem à sua escola tradicional para repeti-los em uma aula presencial.

Segundo Horn e Staker (2015, p. 37), seguidos por Bacich (2016, p. 681), existem quatro modelos principais de ensino híbrido: Rotação, Flex, À la Carte e Virtual Enriquecido. As escolas podem usar modelos múltiplos, combinando-os de diferentes formas para criar um programa personalizado.

O modelo de rotação implica que os estudantes alternem, em uma sequência fixa ou a critério do professor, entre modalidades de aprendizagem em que pelo menos uma seja on-line. Bacich (2016, p. 682) lista algumas das atividades que podem ser desenvolvidas: discussões em grupo, atividades escritas, leituras e atividades on-line. Essas rotações podem ser feitas de quatro formas principais: Rotação por Estações, Laboratório Rotacional, Sala de Aula Invertida ou Rotação Individual.

A Rotação por Estações ocorre dentro de uma sala de aula ou de um conjunto de salas de aula (Horn e Staker, 2015, p. 38-39). Os estudantes são organizados em grupos e realizam uma tarefa determinada pelo professor. Finalizado o tempo, o grupo passa para a próxima estação, onde terá que realizar uma nova atividade, até que tenha feito todas as lições propostas pelo docente. Essas atividades não são sequenciais, mas funcionam de forma integrada, para que todos tenham acesso aos mesmos conteúdos (Bacich, 2016, p. 682).

O Laboratório Rotacional é semelhante ao modelo de Rotação por Estações, mas uma dessas estações será necessariamente o laboratório de informática, onde os estudantes desenvolverão a parte de ensino on-line da aula (Horn e Staker, 2015, p. 41).

Na Sala de Aula Invertida, a teoria é estudada em casa, no formato on-line, e o espaço da sala de aula é usado para discussões, resolução de atividades, entre outras propostas (Bacich, 2016, p. 682). Desse modo, o que era feito em sala é feito em casa (estudo teórico) e o que era realizado em casa é feito em sala (lição). Para Horn e Staker (2015, p. 43), esse modelo permite maior autonomia aos estudantes, que podem escolher como, quando e em que velocidade assistir à aula do professor. Ademais, libera o precioso tempo de aula para a prática de resolução de problemas, discussões, resolução de dúvidas e projetos, isto é, uma aprendizagem mais ativa e eficaz.

A Rotação Individual prevê que o estudante rotacione de acordo com uma agenda individual e personalizada, de acordo com as suas necessidades, dificuldades ou facilidades (Bacich, 2016, p. 682). Os estudantes alternam em um esquema individualmente personalizado entre modalidades de aprendizagem (Horn e Staker, 2015, p. 45). A diferença entre esta e as outras modalidades é que nesta os alunos não passam, necessariamente, por todas as modalidades ou estações propostas, sendo a sua agenda diária e individual.

O modelo Flex refere-se a cursos ou matérias em que o ensino on-line é a espinha dorsal da aprendizagem do aluno, mesmo que às vezes direcione o estudante para atividades presenciais (Horn e Staker, 2015, p. 47). Os alunos têm uma lista a ser cumprida, com ênfase na aprendizagem on-line. O ritmo é personalizado, o docente fica presencialmente disponível

para esclarecer dúvidas e os alunos podem aprender uns com os outros, de maneira colaborativa, por meio da internet, independentemente da organização por anos ou séries (Bacich, 2016, p. 683).

Horn e Staker (2015, p. 49) afirmam que o modelo de ensino híbrido mais comum no ensino médio americano é o *À la Carte*, no qual pelo menos uma disciplina do curso é feita inteiramente on-line, embora o estudante também frequente uma escola física tradicional. Os cursos *À la Carte* podem ter componentes presenciais, diferenciando-se da modalidade Flex por ter um professor tutor on-line, enquanto o Flex trabalha com professor presencial.

No modelo Virtual Enriquecido, os educandos dividem o seu tempo entre a aprendizagem presencial e a on-line, podendo se apresentar na escola apenas uma ou duas vezes por semana (Bacich, 2016, p. 683).

Bacich (2016, p. 683) assevera que não há uma ordem estabelecida para aplicação e desenvolvimento desses modelos e não há hierarquia entre eles. Horn e Staker (2015, p. 52) reforçam que as categorias não são mutuamente exclusivas e que muitos programas misturam e combinam os modelos, fazendo uma abordagem mista. É possível, por exemplo, combinar a Sala de Aula Invertida com o Laboratório Rotacional ou a Rotação por Estações, ou combinar os modelos Flex e Virtual Enriquecido.

As vantagens do uso do ensino híbrido são muitas. Bacich (2016, p. 683) destaca que ele permite a personalização do ensino por meio da utilização de diferentes recursos didáticos, fazendo com que a aprendizagem não fique mais restrita às imposições de horário, às paredes da sala de aula, à metodologia do professor e ao ritmo da turma. Moran (2015, p. 33) diz que um dos benefícios do ensino híbrido é combinar algumas das dimensões da motivação extrínseca com a intrínseca, que é aquela em que a pessoa não depende de controle externo, premiação ou punição. Horn e Staker (2015, p. 79) predizem que, à medida que o conteúdo e o ensino forem se tornando on-line, sobrarão mais tempo para que as escolas se dediquem a atividades de aplicação do conhecimento e geradoras de habilidades, além de aprendizagens mais reflexivas, que envolvam a exploração intelectual, a curiosidade, a criatividade, o pensamento crítico e a colaboração.

É claro que a implantação dessas inovações vem causando insegurança, medo e desconforto em todo o mundo, gerando diferentes reações entre discentes, pais, docentes e gestores. Nessa toada, Moran (2015, p. 29) esclarece que as instituições educacionais atentas às mudanças escolhem dois caminhos, um mais suave e com alterações progressivas, outro mais amplo e com mudanças profundas. No caminho mais suave, as escolas mantêm o

modelo curricular disciplinar, mas priorizam as metodologias ativas, como o ensino por projetos, o ensino híbrido e a interdisciplinaridade; já as instituições que optam por mudanças mais amplas e inovadoras podem adotar um currículo sem disciplinas, trazendo o ensino on-line para o centro do processo e redesenhando projetos, espaços e metodologias.

Horn e Staker (2015, p. 66-67) também alegam que o ensino híbrido vem sendo implantado de duas formas: como inovação sustentada que oferece aprimoramento e melhoria importantes para a sala de aula tradicional, ou como inovação disruptiva que transforma fundamentalmente a sala de aula, levando a uma nova forma de pensar sobre os professores, as instalações e a experiência do estudante. Segundo os mencionados autores, são essas inovações disruptivas que podem transformar a escolarização em um sistema personalizado, baseado na competência, acessível e econômico, podendo, no futuro, substituir o sistema estabelecido.

Seguindo essa linha de raciocínio, Horn e Staker (2015, p. 70-71) dizem que os modelos de inovação sustentada prometem melhorias para as salas de aula tradicionais, mas não uma ruptura. Os docentes que os adotam são aqueles que hesitam em aderir integralmente ao ensino on-line e buscam o “melhor dos dois mundos”, ou seja, as vantagens da sala de aula tradicional combinadas com os benefícios do ensino on-line. Esses educadores costumam usar principalmente três modelos de ensino híbrido: Rotação por Estações, Laboratório Rotacional e Sala de Aula Invertida.

Por outro lado, as escolas e os professores que adotam a inovação disruptiva desejam romper completamente a abordagem educativa tradicional e costumam usar os modelos de ensino híbrido de Rotação Individual, Flex, À la Carte e o Virtual Enriquecido. Para os autores americanos (Horn e Staker, 2015, p. 74), é possível identificar a inovação disruptiva quando:

os alunos estão aprendendo em um contexto híbrido, e você não consegue imaginar onde é a frente da sala de aula (...) O ensino on-line é tão central à gestão e ao acompanhamento da aprendizagem do aluno que a maioria dos antigos construtos que definem a sala de aula tradicional – como um quadro-negro ou quadro-branco na sala de aula – não são mais relevantes (...) o papel do professor passa de “detentor do saber” para um membro ainda ativo - ou mesmo um planejador – do processo de aprendizagem (...) frequentemente na forma de tutor, facilitador de discussão, líder de projetos práticos ou conselheiro (...) a arquitetura, a mobília e as operações da escola parecem todas substancialmente diferentes (...)

Aproveitando o gancho sobre o papel do professor nesse novo cenário, todos os especialistas afirmam que ele precisará evoluir e ocupar novas funções. Moran (2015, p 42)

frisa que esse papel será mais de curador e de orientador, escolhendo o que é relevante, ajudando os alunos a encontrarem sentido no que estão aprendendo, dando apoio, acolhendo, estimulando, valorizando e inspirando as classes, os grupos e cada aluno. Isso exigirá profissionais competentes dos pontos de vista intelectual, afetivo e gerencial, o que implica em docentes mais bem preparados, remunerados e valorizados.

Muitos especialistas apontam as inovações disruptivas como o futuro da educação, embora seja um futuro ainda distante. Horn e Staker (2015, p. 76-77) estão entre os que defendem que esses modelos estão no “caminho certo para obter a dominância sobre o sistema tradicional”, embora façam a ressalva de que será uma mudança a longo prazo, pois as escolas não estão fisicamente preparadas para essas transformações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello (Org.). **Ensino Híbrido**. Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

BACICH, Lilian. **Ensino Híbrido: Proposta de formação de professores para uso integrado das tecnologias digitais nas ações de ensino e aprendizagem**. In: XXII Workshop de Informática na Escola, Uberlândia, 2016. p. 679.

HORN, M. B.; STAKER, H. **Blended**: Usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Tradução: Maria Cristina Gularte Monteiro. Porto Alegre: Penso, 2015.

MORAN, J. M. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: Lilian Bacich, José Moran. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. 1ed., 2018, v. 1, p. 1-25.

MORAN, J. M. **Educação Híbrida. Um conceito-chave para a educação, hoje**. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino Híbrido**. Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre: Penso, 2015. Capítulo 1, p. 27–45.